



A QUESTÃO DA CIENTIFICIDADE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

Richéle Timm dos Passos da Silva¹

Resumo:

Este estudo aborda em linhas gerais aspectos que compõem o cenário da pesquisa e do texto científico usado e realizado em pesquisas nas áreas de ciências humanas e sociais, com ênfase a educação. Clareza e precisão na escrita do processo da pesquisa, da coleta e da análise dos dados, levam ao rigor, a validade e a cientificidade da ação de pesquisar. Portanto, cientificar a pesquisa é refletir sobre ação a partir de estudos e proposições sobre a temática/problemática que tenham como foco produzir conhecimento a partir das situações reais da sociedade e sua complexidade econômica-política-social. Portanto, quanto as abordagens metodológicas, a pesquisa quantitativa não deve ser oposta à pesquisa qualitativa, mas ambas devem, sinergicamente, convergir na complementaridade mútua. Pesquisar em educação, ciências humanas ou sociais, é, pois, um desafio que com a possibilidade de integrar aspectos qualitativos e quantitativos só se enriquece a análise do objeto e a compreensão do todo investigado.

Palavras-chave:

Pesquisa. Conhecimento. Qualitativa. Quantitativa.

Resumen:

Este estudio aborda en líneas generales aspectos que componen el escenario de la investigación y del texto científico usado y realizado en investigaciones en las áreas de ciencias humanas y sociales, con énfasis en la educación. La claridad y precisión en la escritura del proceso de la investigación, de la recolección y del análisis de los datos, llevan al rigor, la validez y la cientificidad de la acción de investigar. Por lo tanto, cientificar la investigación es reflexionar sobre acción a partir de estudios y proposiciones sobre la temática / problemática que tengan como foco producir conocimiento a partir de las situaciones reales de la sociedad y su complejidad económica-política-social. Por lo tanto, en cuanto a los enfoques metodológicos, la investigación cuantitativa no debe ser opuesta a la investigación cualitativa, pero ambas deben, sinérgicamente, converger en la complementariedad mutua. Buscar en educación, ciencias humanas o sociales, es, pues, un desafío que con la posibilidad de integrar aspectos cualitativos y cuantitativos sólo se enriquece el análisis del objeto y la comprensión del todo investigado.

Palabras clave:

Investigación. Conocimiento. Cualitativa. Cuantitativa.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus de Vilhena. E-mail: richeletps@gmail.com.



Introdução

O movimento da escrita deve ser a revelação do pensado, planejado e realizado antes, durante e após o ato de pesquisar. Ao se pesquisar e, após, redigir o texto sobre a ação efetuada, os caminhos que foram realizados necessitam estar elucidados de tal modo que o leitor possa compreender e realizar o procedimento empregado na atividade.

Apresentar a metodologia que compõe a pesquisa, como foram organizados os procedimentos teóricos e empíricos (se houver) da investigação realizada e, também demonstrar a construção da análise diante dos dados obtidos; são os procedimentos que compõem uma pesquisa científica.

Clareza e precisão na escrita desse processo levam ao rigor, a validade e a cientificidade da ação de pesquisar. Definição conceitual teórica aos termos usados também qualificam o texto e esclarecem o que de fato se quer dizer ao se falar determinado termo.

O problema investigado neste estudo diz respeito a saber qual a compreensão das abordagens metodológicas quantitativa e qualitativas nas pesquisas das áreas de ciências humanas sociais, mais precisamente educacionais? E, assim, como e porque integrar essas duas formas de análise investigativa nas pesquisas educacionais?

Sendo assim, tem como objetivo geral compreender aspectos operacionais e metodológicos da atividade da pesquisa no Brasil evidenciando as abordagens qualitativa e quantitativa. Para tanto, especificamente objetiva reconhecer aspectos históricos da atividade de pesquisa do Brasil a partir de conhecimento sobre tais dados bem como discorrer sobre as definições de metodologia qualitativa e metodologia quantitativa em educação.

Para abordar essas preocupações, a análise de dados será feita a partir da investigação sobre o conceito de pesquisa e ciência, bem como sobre textos históricos que discorram sobre a implementação e a atividade da pesquisa Brasil. Para tratar sobre as metodologias qualitativas e quantitativas, investigaram-se as produções de autores renomados da área de metodologia que discutem sobre tais conceitos sendo estes, portanto, considerados referenciais metodológicos indispensáveis na área de metodologia científica.

Dito isso, o presente texto pretende abordar em linhas gerais aspectos que compõem o cenário da pesquisa e do texto científico e para tanto, parte de uma abordagem teórica que inicia delimitando conhecimento e ciência, posteriormente, trata do campo da pesquisa



científica no Brasil, nos seus aspectos históricos e operacionais apontando dados sobre a pesquisa educacional.

Ademais, trata-se também neste texto da metodologia qualitativa e quantitativa nas ciências humanas e sociais e para isso perpassa conceituações e definições sobre essas perspectivas metodológicas no campo das ciências humanas e sociais.

Finalmente, as considerações finais resgatam o todo abordado e enfatizam os aspectos que definem e compõe a temática aqui abordada da questão da cientificidade das pesquisas na educação.

1 Ciência, pesquisa e conhecimento

Ao se propor pesquisa científica logo nos vem à mente algumas questões tais como: Que fundamento será usado? Que corpo teórico servirá de análise ao campo e aos dados obtidos? Que instrumentos e métodos serão utilizados para se extrair da realidade o máximo de informações possíveis a fim de “dar conta” da explicação do caso, fenômeno ou relação? Como será avaliado ou validado cientificamente? Entre outras tantas indagações.

Ao realizarmos esse processo investigativo, nos aproximamos do que se seja “fazer ciência”, ou então, produzir conhecimento. Em relação a produção de conhecimento, Severino (2007), expressa uma aproximação do significado da ciência como construção do conhecimento a partir da formação histórica e sua constituição teórica.

Para o referido autor, a ciência surgiu na modernidade, expressando uma ruptura crítica com o modo metafísico de pensar, típico da Antiguidade e da Idade Média e se caracterizando como uma leitura da fenomenalidade do mundo natural. (SEVERINO, 2007).

Para tanto, além de ter que se apoiar em alguns pressupostos filosóficos, a ciência precisa adotar práticas metodológicas e procedimentos técnicos, capazes de assegurar a apreensão objetiva dos fenômenos através das quais a natureza se manifesta. Apoiados em fundamentos epistemológicos e que se realiza pela aplicação de uma metodologia sistemática e se operacionaliza mediante procedimentos técnicos, realizamos procedimentos científicos. (SEVERINO, 2007).

No início, a ciência surge como pretensão de um saber único, a ser construído sob um único paradigma e conduzido por um método único. Foi o que garantiu a unidade do sistema das Ciências Naturais. No entanto, quando se passou a estudar cientificamente o homem, com suas peculiaridades, através das Ciências Humanas, rompeu-se esse



monolitismo metodológico em função da necessidade e da possibilidade de referências a múltiplos paradigmas epistemológicos para se dar conta da integralidade de sua condição. (SEVERINO, 2007).

Sendo as ciências naturais pioneiras e “estrelas” da ideia de cientificidade, a pesquisa social tem seu dilema: empobrecer seu objeto ou abandonar o critério cientificidade e propor algo mais profundo?” (MINAYO, 2011, p. 11).

Esta autora nos diz que a cientificidade, o labor científico, portanto

[...] caminha em dois sentidos: numa elabora suas teorias, métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. E ao fazer tal percurso os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, revestem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído (MINAYO, 2011, p. 12).

Partindo dessa premissa, por metodologia da pesquisa, entendemos a partir de Minayo (2011, p. 14), o “caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” e, para esse fim, o percurso metodológico inicia com o projeto de pesquisa, que segundo a definição de Yin (2010, p. 48-49) é “um plano lógico para chegar daqui até lá [...] um mapa para sua pesquisa, tratando de, ao menos, quatro problemas: quais questões estudar, quais dados são relevantes, quais dados coletar e como analisar os resultados”.

Assim sendo, temos a atividade da pesquisa científica como o campo definido pelos autores da metodologia científica que é a “atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade” (MINAYO, 2010, p. 16).

Temos também a definição de pesquisa ligada a produção do conhecimento e para tanto, esse processo de construção de conhecimento tem sempre uma tríplice dimensão para que seja atendido os requisitos de uma pesquisa como científica, a saber:

[...] uma dimensão propriamente **epistêmica**, uma vez que se trata de uma forma de conhecer o real; uma dimensão **pedagógica**, pois é por intermédio de sua prática que ensinamos e aprendemos significativamente; uma dimensão **social**, na medida em que são seus resultados que viabilizam uma intervenção eficaz na sociedade através da atividade de extensão (SEVERINO, 2007, p. 26, grifo nosso).

É perceptível que ambos os autores até aqui apresentados não discorrem sobre o tema sem considerar as questões da realidade. Dito de outro modo, pesquisar é preocupar-se com a realidade e assim tratá-la como algo a ser desvelado para ser conhecido.



Nessa mesma perspectiva de produzir conhecimento a partir da indagação do mundo real, Chizzotti (2010) ainda acrescenta que pesquisar é o ato de investigar o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Confronta-se com todas as forças da natureza e de si próprio. Outra renomada autora, Gatti (2002), apresenta a pesquisa como o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa.

Com um ponto de vista mais amplo e que discute o diálogo como ferramenta indispensável no processo de pesquisar e produzir conhecimento, temos Streck (2006, p. 11) enunciando que pesquisar “é um ato e uma forma de pronunciar o mundo [...] Pesquisar é ler e pronunciar o mundo [...] Pesquisar e ensinar-aprender são parte do mesmo processo de conhecer, isto é, de compreender, intervir e transformar a realidade”. Nessa concepção, a produção de conhecimento situa-se em vários lugares, cada um deles com características próprias de acordo com os papéis que cabem aos respectivos atores. A pesquisa faz parte, assim, de um amplo ‘movimento de saber’ (STRECK, 2006).

Ao se pesquisar, também há que se pensar nessa ação como estudos e reflexões sobre a temática/problemática ou o objeto de estudo sendo “um campo específico de desejos e esforços por conhecer, por entender nosso mundo e nele e sobre ele agir de maneira lúcida e consequente”. (MARQUES, 2006, p. 94).

Quanto ao conhecimento fruto dessas pesquisas, Luckesi (1985, apud TOZZONI-REIS, 2017, p. 02) apresenta definições que nos auxiliam a compreender para que, por que e com que finalidade podemos produzir conhecimento. Assim, o mesmo nos fala em três dimensões do “conhecimento”: “primeiramente como um mecanismo de **compreensão e transformação do mundo**, em segundo lugar como uma **necessidade para a ação** e, ainda, como um **elemento de libertação**” (LUCKESI, 1985, apud TOZZONI-REIS, 2017, p. 02, grifo nosso).

Quanto ao conhecimento fruto atividade de pesquisa no campo da educação, temos Gatti (2002) reconhecendo que:

Portanto, o conhecimento obtido pela pesquisa é um conhecimento situado, vinculado a critérios de escolha e interpretação de dados, qualquer que seja à natureza destes dados [...] Porque pesquisar em educação significa trabalhar com algo relativo a seres humanos ou com eles mesmos, em seu próprio processo de vida (p. 12).

Pelo exposto, cientificar a pesquisa é produzir conhecimento que percorra as situações reais da sociedade e sua complexidade econômica-política-social a fim de promover



os envolvidos no processo e assim produzir conhecimento significativo nas mais variadas áreas.

2 A pesquisa científica no Brasil

No Brasil, a atividade de pesquisa que se dá em instituição universitária tal qual como hoje conhecemos, pode ser considerada recente. Alguns estudiosos da área apresentam esse contexto histórico-político-social de implantação dessa atividade.

Goergen (1986) recupera elementos da trajetória da pesquisa educacional a partir de fontes publicadas ao longo das décadas de 70 e 80². Por isso, destaca como elementos históricos da instituição da pesquisa, a criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), no ano de 1938, dizendo que “a fase então inaugurada, e que se estenderia por toda a década de quarenta e grande parte da década subsequente, caracterizou-se pelos estudos de natureza predominantemente psicológico-pedagógicos” (p. 4).

Posterior a criação do INEP, Goergen (1986) expressa que tivemos a composição do Centro Brasileiro e dos Centros Regionais de Pesquisa, em 1956. Para o referido autor, as pesquisas agora passam do psicopedagógico para estudos de natureza sociológica. Durante os anos de 1964 a 1971, “predominam estudos de natureza econômica, incentivados por órgãos federais e internacionais de financiamento” (p. 4).

Ao continuar suas considerações, Goergen (1986) assinala o ponto discordante entre os estudos que haviam na época sobre o início da atividade da pesquisa e apresenta como início da pesquisa no Brasil, as considerações que remete alguns anos antes da criação do INEP, “com a introdução de um serviço de teses no Departamento de Educação da Prefeitura do Distrito Federal, por Anísio Teixeira” (p. 4).

Contudo, Goergen (1986) salienta a implantação dos cursos de pós-graduação, como um dado relevante tanto para se entender o crescimento do volume de pesquisas, quanto para explicar a diversificação metodológica e de conteúdo registrada desde então nas atividades de pesquisa.

Outra estudiosa, Gatti (2002) destaca que:

² Este autor baseia-se a partir das publicações dos trabalhos de Gouveia (1971 e 1976), Cunha (1978), Saviani (1983), Gatti (1982 e 1983) e Mello (1983).



É com a criação, no final dos anos 30, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) que estudos mais sistemáticos em educação, no País, começam a desenvolver-se [...] A importância desses centros no desenvolvimento de bases metodológicas, sobretudo quanto à pesquisa como fundamento empírico, no Brasil, pode ser dada pelo contraponto com as instituições de ensino superior e universidades da época nas quais a produção de pesquisa em educação ou era rarefeita, ou inexistentes” (p. 15)

Para Gatti (2002) a criação do Inep e seus centros foram o ponto de partida para a pesquisa e de formação em métodos e técnicas de investigação científica em educação, inclusive as de natureza experimental

Morosini (2009) também nos auxilia a compreender a fase de instauração da atividade da pesquisa no Brasil que para ela se dá a partir 1950 onde “se tornam nítidas as estratégias de formação de condições promotoras da pesquisa na Universidade brasileira norteadas pelo espírito nacionalista e de superação da dependência econômica do país” (p. 127).

A reforma universitária de 1968 apresenta um modelo humboldtiano o qual normatiza a Universidade como concepção de produção de conhecimento-pesquisa indissociável ao ensino. É a partir desta reforma que o “modelo de Instituição de Educação Superior passa a ser a universidade e esta é definida como a instituição produtora de conhecimento, via pesquisa” (MOROSINI, 2009, p. 128).

A criação do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT)³, em 1985, também necessita ser apresentada neste texto visto que imprime definições, concepções e metas sobre o que é pesquisar, como pesquisar, o quê, para quem e por que se pesquisar. Segundo Morosini (2009) sua criação teve como objetivo

[...] adequar a pesquisa de C&T às necessidades sócio-econômicas e as condições físicas e ambientais do Brasil; fomentar a geração de conhecimento e técnicas, promovendo sua utilização e difusão no sistema produtivo e na sociedade; iniciar amplo debate para definição de prioridades; e conseguir maiores recursos para a pesquisa (p. 134).

Em 1951 é criado o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Capacitação de Pessoal de Nível Superior (CAPES),

³ A partir do governo Lula o sistema de ciência e tecnologia “se diversificou e houve uma crescente incorporação do conceito de *inovação* na agenda do setor empresarial e na política de fomento à pesquisa dos governos federal e estadual” (MOROSINI, 2009, p. 134) [grifo da autora]. Por esse motivo, atualmente denomina-se Ministério da Ciência Tecnologia e Inovação (MCTI).



importantes agências que interferem no cenário da pesquisa, incluindo-se a questão do financiamento dos projetos de pesquisa (MOROSINI, 2009).

A CAPES, agência Executiva do Ministério da Educação (MEC), apresenta o objetivo de "assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam ao desenvolvimento do país" (MOROSINI, 2009, p. 131). É esse órgão, o responsável pela elaboração de Planos Nacional de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, *locus* considerado espaço da formação de pesquisadores.

O CNPq é uma agência do Ministério da Ciência e Tecnologia destinada ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país. Sua história está diretamente ligada ao desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil contemporâneo sua principal atribuição é coordenar e estimular a pesquisa científica no país (CNPq, 2012).

Juntamente nesse processo de criação de agências, Franco (2011) destaca a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) que foi criada para defender políticas científicas adequadas ao desenvolvimento do País e da liberdade de pesquisa na Universidade.

A Criação das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (FAPs), em 1990, buscou complementar os programas federais de fomento às atividades científicas, a formação de pesquisadores competentes, privilegiar a pesquisa básica e aos interesses regionais de desenvolvimento político e tecnológico (MOROSINI, 2009).

A Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), também se destaca quanto a promoção e incentivo à pesquisa. Essa financiadora é uma empresa pública vinculada ao MCTI que promove o desenvolvimento econômico e social por meio do fomento público à inovação em empresas, Universidades, institutos tecnológicos e outras instituições públicas ou privadas do País tendo sido criada em 1967.

Todo esse contexto de criação, difusão e implantação do cenário que compõe o ato de pesquisar realizado principalmente nas universidades têm extrema relevância de ser conhecido. Articular esses elementos favorecem a compreensão sobre o fazer e produzir ciência e conhecimento na esfera educacional brasileira.

Mais do que compreender esses aspectos operacionais da atividade da pesquisa e sua historicidade, é imprescindível que possamos refletir sobre seu desdobramento no fazer, ou



seja, o procedimento que os estudiosos podem utilizar ao efetivamente atuarem como pesquisadores. Assim, abordaremos as metodologias quantitativas e qualitativas como forma e opção de análise para pesquisas nas áreas de ciências humanas e sociais, mais explicitamente no campo da educação.

3 Metodologias qualitativas e quantitativas nas investigações

Pelos estudos realizados nas mais diversas áreas do conhecimento, temos especificidades quanto as questões metodológicas. Neste contexto, apresentamos as perspectivas qualitativas e quantitativas nas pesquisas em educação. Mais precisamente, as abordagens serão apresentadas na intenção de utilizá-las como opção metodológica complementares ao ato de pesquisar em educação.

Iniciamos comentando que a partir dos autores estudados que discutem e conceituam pesquisa, consideramos que pesquisar em educação é debruçar-se sobre uma vasta possibilidade de leitura e, portanto, de diferentes modos de compreender essa realidade. Por isso, a fim de que possamos abarcar uma maior proximidade da análise ao contexto real, a utilização de metodologias que se complementam vem a ser a opção ideal.

As abordagens qualitativas e quantitativas em pesquisas educacionais podem ser utilizadas com o intuito de compreender ao máximo essas relações, funcionalidades e desenvolvimento social/humano.

Quanto ao uso dos conceitos qualidade e quantidade, Gatti (2001) esclarece que

É preciso considerar que os conceitos de quantidade e qualidade não são totalmente dissociados, na medida em que de um lado a quantidade é uma interpretação, uma tradução, um significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno se manifesta (portanto é uma qualificação dessa grandeza) e, de outro, ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois sem relação a algum referencial não tem significação em si (p. 74).

Nessa compreensão de uso das metodologias/abordagens quali e quantitativa nas pesquisas é possível afirmar que a produção do conhecimento resultante só tende a crescer e aproximar-se ao máximo do contexto real da sua significação.

É por isso que a relação de uso dessas metodologias agregam ao modo de se entender que o “método não é algo abstrato. Método é ato vivo, concreto, que se revela nas nossas ações, na nossa organização do trabalho investigativo, na maneira como olhamos as coisas do mundo” (GATTI, 2002, p. 43).



Severino (2007) quando esclarece sobre pesquisa quantitativa ou qualitativa, e mesmo quando fala de metodologia quantitativa ou qualitativa, apesar da liberdade da linguagem consagrada pelo uso acadêmico, não se está referindo a uma modalidade de metodologia em particular. Daí o autor menciona ser preferível falar-se em abordagem quantitativa e abordagem qualitativa, pois com estas designações cabe referir-se a conjuntos de metodologias envolvendo eventualmente diversas referências epistemológicas.

Chizzotti (2010) diz que a pesquisa quantitativa não deve ser oposta à pesquisa qualitativa, mas ambas devem sinergicamente convergir na complementaridade mútua, sem confinar os processos e questões metodológicas a limites que atribuam os métodos quantitativos exclusivamente ao positivismo ou os métodos qualitativos ao pensamento interpretativo (fenomenologia, dialética, hermenêutica...).

Seguindo essa abordagem, Chizzotti (2010) ainda expressa que é necessário superar as oposições que subsistem nas pesquisas em ciências humanas e sociais, e aponta que se pode fazer uma análise qualitativa de dados estritamente quantitativos com técnicas como por exemplo a análise de conteúdo. É possível para o referido autor, essa intercomunicação já que algumas pesquisas qualitativas não descartam a coleta de dados quantitativos, principalmente na etapa exploratória de campo ou nas etapas em que estes dados podem mostrar uma relação mais extensa entre os fenômenos.

Outro pesquisador que entende a articulação quali e quanti como possibilidade de uma maior compreensão sobre o objeto investigado é Gamboa (1995) ao sinalizar que

[...] na medida em que inserimos os dados na dinâmica da evolução do fenômeno e este dentro de um todo maior compreensivo, é preciso articular as dimensões qualitativas e quantitativas em uma inter-relação dinâmica, como categorias utilizadas pelo sujeito na explicação e compreensão do objeto (p. 106).

A utilização dessas metodologias e seus termos pressupõe uma integração de variadas técnicas, instrumentos e estratégias de investigação. Na articulação dessas, o objeto pesquisado ganha cientificidade e a validade da pesquisa que segue com essa rigorosidade metodológica se torna mais clara. Contudo, não é a mera quantidade de instrumentos que qualifica o objeto pesquisa, mas sim a possibilidade da pesquisa ser desenvolvida com os mesmos instrumentos tão bem expostos, descritos e referenciados que faz com que a metodologia possa “comprovar” a rigorosidade metodológica da produção do conhecimento.



Bogdan e Biklen (1994, p. 16, grifos dos autores) referem-se a essas metodologias dizendo que

Utilizamos a expressão *investigação qualitativa* como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico.

As características da investigação qualitativa têm como destaque a compreensão de que:

1. *Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal* (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p. 47, grifos dos autores). [...]
2. *A investigação qualitativa é descritiva.* Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. Os resultados escritos da investigação contem citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p. 48, grifos dos autores).

Quanto aos pesquisadores que se utilizam das abordagens qualitativas, Bogdan e Biklen (1994) expressão que

Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos [...] As estratégias qualitativas patentearam o modo como as expectativas se traduzem nas actividades, procedimentos e interacções diários (p. 49 – grifos do autor).

Observamos que o aspecto do processo é o mais substancial da investigação qualitativa e por isso aos investigadores qualitativos tendem a analisar os dados da pesquisa de forma mais indutiva. Assim, “não recolhem dados ou provas com o objectivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente; ao invés disso, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos se vão agrupando (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p. 50 – grifo do autor).

Já em relação aos dados quantitativos, ainda conforme os autores supracitados, esses dados “são muitas vezes incluídos na escrita qualitativa sob a forma de estatística descritiva. Os dados estatísticos podem também servir como verificação para as ideias que desenvolveu durante a investigação” (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p. 194).

Pensando nisso, Bogdan e Biklen (1994) concluem que “a abordagem qualitativa aos dados quantitativos incide na compreensão de como é que o processo de computação se



realiza, e não como é que se devia realizar [...] Por outras palavras, os números não existem por si só, mas estão associados com o contexto social e histórico que os gerou” (p. 195-196).

Pesquisar em educação, ciências humanas ou sociais, é um desafio que com a possibilidade de integrar aspectos qualitativos e quantitativos só enriquece a análise do objeto e a compreensão do todo investigado. Portanto, acreditamos ser possível a justaposição destas duas abordagens para que o contexto investigado possa ser “lido e descrito” pelo pesquisador.

Considerações Finais

Falar sobre pesquisa científica no Brasil é adentrar um território recente e cheio de complexidades. Entender historicamente como se tem consolidado esse ramo da atividade intelectual é resgatar pontos da história que ensejam lutas e conquistas, perdas e ganhos.

A área de ciências humanas e sociais, mais precisamente a educação tende a ser extremamente cobrada em fins de resultados palpáveis às inúmeras pesquisas que constantemente são feitas na temática educacional. No entanto, a complexidade de abordar um campo tão vasto de possibilidades de investigação requer alguns rigores e cuidados para que não seja confundida com meros procedimentalismos sem significados ou objetivos determinados.

Por isso, ao se pesquisar há que se atentar para saber e compreender o todo a ser pesquisado e dedicar-se como um pesquisador preocupado em captar ao máximo o objeto a ser investigado. Assim, a questão metodológica é um ponto capaz de fortalecer ou não a cientificidade da pesquisa realizada.

Acreditamos que a abordagem quali e quantitativa unidas, numa pesquisa onde exista a preocupação com a clareza, a validade e a veracidade dos aspectos investigados, geram possibilidade de aproximarmos mais o “relato do pesquisado” do objeto real em si.

Portanto, aos pesquisadores, jovens ou experientes no ramo, o rigor e o cuidado com os procedimentos teóricos e metodológicos da pesquisa em educação fortalecem o ramo investigado e solidificam pesquisas a partir de situações reais da sociedade e sua complexidade econômica-política-social.

Referências



BOGDAN, R.; BIKLEN. S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **A Pesquisa e a Produção de Conhecimentos**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/195/3/01d10a03.pdf>. Acesso em: 14 Jan 2017.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

CNPq. Disponível em: <http://www.cnpq.br/cnpq/index.htm>. Acesso em: 20 mar. 2012.

FRANCO, Maria Estela Dal Pai. Educação superior e modelos institucionais. Seminário internacional de educação superior da comunidade de países de língua portuguesa.

EDIPUCRS. 2009. Disponível em:

<http://www.pucrs.br/edipucrs/cplp/arquivos/morosini.pdf>. Acesso em: 07 set. 2011.

GATTI, Bernadete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.

_____. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo. N. 113, jul. 2001. p. 65-81.

GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. (orgs.) **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

GOERGEN, Pedro. A pesquisa educacional no Brasil: dificuldades, avanços e perspectivas. **Em Aberto**. Brasília: INEP, a. 5, n. 31, jul./set. 1986.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ijuí: Unijuí, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MOROSINI, Marília Costa. A Pós-graduação no Brasil: formação e desafios. **Revista Argentina de Educación superior**. RAES. a.1. n.1 nov. 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

STRECK, Danilo. Pesquisar é pronunciar o mundo: notas sobre método e metodologia. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo (Orgs.). **Pesquisa participante: a partilha do saber**. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010.